



Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

Capoeira: lugar da diversidade étnico-racial na educação básica

Capoeira: a Place for Ethnic-Racial Diversity in Basic Education

Resumo

Este ensaio explora como a capoeira, uma manifestação afro-brasileira originada em um contexto de colonialidade de saberes e privação de liberdade, pode contribuir para os objetivos da Lei 10.639/03, que visa descolonizar os currículos e promover rupturas epistemológicas e culturais na educação brasileira. Argumenta-se que a capoeira, devido ao seu caráter lúdico, artístico e cultural, possui um potencial significativo para enriquecer a educação escolar utilizando os valores civilizatórios afro-brasileiros (Trindade, 2010). Esses valores são analisados como elementos pedagógicos aplicáveis em atividades escolares que envolvem música, contação de histórias, expressão corporal, danças e manualidades. O ensaio também examina as experiências teóricas e práticas dos projetos de extensão e ensino "Lições de Capoeira" da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenvolvidos desde 2021, demonstrando como a capoeira pode ser integrada nas escolas de maneira multidisciplinar, além da educação física. A proposta é que a inclusão da capoeira nas escolas, com uma abordagem ampliada, possa auxiliar no desenvolvimento de uma formação ética e moral dos estudantes, promovendo uma educação antirracista, solidária, ecológica e democrática. Por fim, são discutidos os desafios e impactos dessa implementação, proporcionando uma reflexão sobre a

contribuição da capoeira para a educação brasileira.

Palavras-chave: Capoeira; Educação; Valores Afro-brasileiros; Lei 10.639/03

Abstract

This essay explores how capoeira, an Afro-Brazilian manifestation that originated in a context of knowledge coloniality and deprivation of freedom, can contribute to the goals of Law 10.639/03, which aims to decolonize curricula and promote epistemological and cultural ruptures in Brazilian education. It is argued that capoeira, due to its playful, artistic, and cultural nature, has significant potential to enrich school education by utilizing Afro-Brazilian civilizational values (Trindade, 2010). These values are analyzed as pedagogical elements applicable in school activities involving music, storytelling, body expression, dance, and crafts. The essay also examines the theoretical and practical experiences of the "Lições de Capoeira" extension and teaching projects at the Federal University of Paraíba (UFPB), developed since 2021, demonstrating how capoeira can be integrated into schools in a multidisciplinary manner, beyond physical education. The proposal is that the inclusion of capoeira in schools, with an expanded approach, can assist in the development of ethical and moral education for students, promoting anti-racist, supportive, ecological, and





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

democratic education. Finally, the challenges and impacts of this implementation are discussed, providing a

reflection on the contribution of capoeira to Brazilian education.

Keywords: Capoeira; Education; Afro-Brazilian Values; Law 10.639/03

Introdução

A capoeira é uma manifestação afro-brasileira que nasce em um contexto de colonialidade de saberes e de privação de liberdade, e ao longo do processo histórico-social vai construindo possibilidades de leitura de mundo e elaboração de estratégias de luta pela vida, pela liberdade, na resistência à dominação dos brancos. Capoeira é arte, dança, jogo, luta, artesanato, música, educação, esporte, brincadeira, patrimônio, filosofia, história do Brasil. Quando alguém é iniciado nesse mundo, depara-se com um manancial de aprendizado que existe a ser desvendado, seja corporal, musical, manual, histórico-cultural, educacional. São tantas possibilidades, expressões e fazeres que não tem como um capoeirista chegar à mestria dominando perfeitamente todas elas.

Nesse estudo, foi feito um recorte desse universo, mesmo não sendo possível extrair apenas um elemento da capoeira, pois é a soma de todas essas dimensões que dão sentido ao que ela é, o foco é a dimensão educacional e o seu potencial para semear na educação básica um ambiente de inclusão social. Algumas questões são primordiais para a reflexão: a capoeira pode ser um instrumento de educação? Como a capoeira pode contribuir para uma educação antirracista, democrática e inclusiva na escola? A escola está preparada para acolher a capoeira e todo seu potencial educativo? Com vistas a discutir e levantar possíveis soluções para essas questões, parte-se da área da Psicologia Moral ligada a outros campos do saber, como a Filosofia e a Educação. Essa discussão foi enriquecida com as experiências teóricas e práticas de um projeto de extensão da UFPB, apelidado de “Lições de Capoeira”, que vem sendo desenvolvido desde 2021.





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

A oposição de culturas e a Escola

O Brasil foi construído com a contribuição de povos de diversas regiões e etnias, negros, índios, europeus, asiáticos. Mesmo existindo uma desproporção hierárquica entre esses povos que aqui se encontraram, de acordo com Munanga (1999), não se pode negar que houve uma transculturação entre os diversos segmentos culturais, observados no cotidiano da vida dos brasileiros. Para este autor, essa transculturação não configuraria um sincretismo, mas um pluralismo, pois é possível identificar a contribuição do índio, do negro, do português, do alemão, etc. Munanga (1999, p. 107/108) dá o exemplo da música baiana (axé):

Por exemplo, a música baiana (axé music) é cantada e dançada em todos os cantos do Brasil. Na sua estrutura pode haver elementos de outras procedências (jamaicanos, americanos etc.) que dariam a ela um certo conteúdo sincrético. Mas em termos de identidade que não é sinônimo de pureza, trata-se de uma música afro-baiana, apesar de ser cantada por todos os brasileiros sem discriminação racial. Perante o mundo é uma música brasileira e, portanto, um dos elementos da identidade brasileira a ser integrado numa cultura brasileira plural e não sincrética. E essa integração das diversidades ou pluralidades culturais é o que caracterizaria, a meu ver, o assimilacionismo brasileiro. E faz com que a chamada cultura nacional, feita de colcha de retalhos e não de síntese, não impeça a produção cultural das minorias étnicas, apesar da repressão que existiu no passado, mas apenas consiga inibir a expressão política destas enquanto oposição dentro do contexto nacional.

O pluralismo cultural do Brasil não exclui o fato de que as diferentes culturas possuem posições diferentes na sociedade. O processo de globalização iniciado há séculos, no qual colocou o continente europeu em contato com os continentes americano e africano, estabeleceu uma hierarquia das relações de poder, que perdura até hoje. Existe, portanto, uma cultura dominante e uma cultura popular, subalterna.





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

Historicamente, segundo Brandão (2016), a cultura popular existe a partir da oposição estrutural entre modos sociais de participação na cultura. A cultura popular, no entanto, possui uma autonomia restrita, pois é culturalmente imposta, não expressando a realidade social. É uma cultura do povo e não para o povo. O autor explica melhor:

(...) todos os diferentes setores das classes populares reproduzem, como sendo sua, uma cultura 'culturalmente' mesclada (fora do eixo da identidade das classes populares), politicamente dominada (fora do eixo do poder) e simbolicamente alienada (fora do eixo da consciência). (Brandão. 2016, p. 24)

Não existe uma conscientização dentro de sua própria cultura, portanto, não haverá tampouco por nenhum outro meio na conjuntura de dominação. Uma cultura popular “alienada” vai traduzir a própria relação social de desigualdade, reproduzindo visões de mundo e expressões de identidade que não são suas criações e não expressam sua própria experiência no mundo. Ainda que boa parte do que seja criado seja através de suas próprias experiências no mundo, continua refletindo sua condição subalterna, privada de autonomia.

Para que a cultura popular crie meios de libertação, precisa recuperar um lugar político de luta. Segundo Brandão (2016), é necessário incentivar e instrumentalizar, através da educação, o povo, para que este se reorganize em torno dos elementos de sua própria cultura, com o fim de torná-lo crítico pela reflexão e ser o construtor de uma nova cultura popular a partir de práticas coletivas. Compreende-se que a escola pode ser uma aliada na democratização cultural, pois espera-se que esta não se restrinja ao ensino de conteúdos técnicos, já que se configura como um espaço de socialização que possibilita construções e participações coletivas.





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

A crença de que o que é originado da cultura europeia é melhor e mais significativo, continua garantindo a hegemonia dos valores culturais desse grupo em detrimento de outros. A cultura popular sofreu (e ainda sofre) ao longo dos séculos perseguição e preconceito pela sua condição original, nascida da população pobre e excluída socialmente. O ideal de branqueamento da população negra, difundida no final do século XIX até meados do século XX no Brasil, deixou sequelas na população até os dias atuais, pois foi internalizada pelos brasileiros. Existe um fosso entre a cultura dominante e hegemônica, isto é, da classe rica, culta e branca da sociedade, tida como superior, e a cultura popular, originária das camadas mais baixas da sociedade. A oposição de culturas, segundo Brandão (2016), não deriva da natureza dos homens, mas é um fato histórico. A cultura torna-se um instrumento de dominação entre sujeitos e grupos humanos.

Não é estranho compreender que, em muitas situações sociais históricas, os oprimidos lutaram em favor dos opressores – o capitão do mato. Um exemplo foram as maltas formadas por capoeiristas logo após a abolição da escravidão. Numa situação de miséria, sem apoio e sem renda, os negros usavam a capoeira para cometer assaltos. Logo, as maltas passaram a ser usadas como proteção pelos altos funcionários, políticos e ricos proprietários, que incitavam a lutarem entre si. Para Freire (2019), se o objetivo da escola não for promover uma educação libertadora, quase sempre os oprimidos, em vez de buscar a libertação, tendem a ser também opressores, ou subopressores.

A escola ocidental reproduz o que acontece fora dela, baseando-se no paradigma newtoniano-cartesiano, fragmentando a realidade. De acordo com Sant’Ana (2015), “Na escola ocorre a negação de uma parte da cultura para que outra seja validada como superior e universal. O pensamento escolar, em sua base, métodos, conteúdos e fins, é herdeiro da lógica colonizadora do pensamento hegemônico ocidental”. Acredita-se que





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

um dos grandes contributos para a desigualdade e exclusão social seja o fato do espaço escolar permanecer como reprodutor de discriminações raciais.

Segundo Gomes (2012), o processo de democratização e universalização da educação traz para o cenário escolar sujeitos que antes eram invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento. Dessa forma, quando esses sujeitos adentram o espaço escolar ocorre um movimento de questionamento sobre os lugares de poder, de direitos e privilégios enraizados na cultura política e educacional. Nesse contexto, ocorre a demanda pelo ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras na educação básica e a consequente promulgação da Lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade dessa temática no currículo oficial da rede de ensino.

A partir dos diferentes elementos plausíveis de serem trabalhados com a capoeira na escola, tais como a história, as músicas, o jogo (expressão corporal) e os valores, é possível alcançar em grande parte os objetivos da Lei 10.639/03 e a busca pela descolonização dos currículos e rupturas epistemológicas e culturais da educação brasileira.

A escola antirracista preocupa-se com a formação moral e ética dos estudantes

A nossa sociedade hierarquiza modos de ver, de fazer e de sentir, configurando-se como racista. As crianças, mesmo as muito pequenas, têm acesso a diferentes estímulos, seja na escola ou na mídia (celular, jogos eletrônicos, programas de televisão, gibis, livros, rádio) que as influenciam para atitudes raciais. A criança, no convívio social, pode aprender sentimentos e ideias racistas, a ponto de tomar como seus, valores e crenças transmitidos por outras pessoas. Trindade afirma (2006, p. 84):





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

A observação desse processo, no que tange ao combate ao racismo, se mostra fundamental, na medida de sua importância na constituição do ser, pois ao término da socialização primária a criança terá construído um mundo subjetivo, bem como terá incorporado “papéis sociais básicos – seus e de outros, presentes e futuros” e adquirido “as características fundamentais de sua personalidade e identidade”.

A vida social para as crianças é necessária para o desenvolvimento da inteligência, da moralidade e da personalidade. Para Piaget (2011), o ambiente sociomoral, isto é, todas as interações entre as crianças e entre elas e os adultos têm um impacto sobre o desenvolvimento social e moral das crianças. Piaget (1996) afirma que são as relações estabelecidas entre a criança e o adulto ou entre a criança e seus pares que a conduzirão a tomar consciência do dever e a colocar acima de seu “eu” a realidade normativa da moral. É a partir das experiências cotidianas que as crianças constroem seu senso de moral. Sendo as relações interpessoais o contexto para a construção da consciência de si, a criança aprende a pensar em si mesma como tendo certas características em comparação aos outros. A percepção de si e do outro leva a criança a construir sentimentos de simpatia ou antipatia (por si mesma e por outros), sendo estes, de acordo com Piaget (1996), os primeiros sentimentos morais desenvolvidos. A criança começa dessa forma a construir uma hierarquia do que é valorizado ou não (DEVRIES; ZAN, 1998).

As áreas da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia da Educação abalizam que a sociedade (escola, mídias, família) exerce forte influência na formação da identidade da criança. A escola que não promove o debate ou ações antirracistas contribui para que as diferenças sejam entendidas como desigualdades e os negros, conseqüentemente, como desiguais e inferiores. O silenciamento acerca dessa questão traz conseqüências para todas as crianças. As crianças negras crescem com sentimento





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

de inferioridade intelectual, estética e de valores morais, éticos e culturais, levando à baixa autoestima, sentimentos de vergonha, medo, raiva e de inadequação social. As crianças brancas desenvolvem sentimentos de superioridade (TRINDADE, 2006). Uma escola que não se preocupa com a formação moral e ética dos seus estudantes, que não dá visibilidade a outros modos de ver, pensar, agir e sentir no seu currículo, que não promove ações, discussões e atividades culturais diversas permanentes, contribui para a construção de uma sociedade racista e violenta, com perpetuação de ideologias racistas.

Acredita-se que apresentar e destacar os valores civilizatórios afro-brasileiros na escola por meio da capoeira pode contribuir para criar um ambiente sociomoral favorável ao desenvolvimento da autonomia moral e ética, criar um ambiente de compreensão, de respeito e de fraternidade, com vistas à criação de um mundo livre da discriminação de qualquer natureza. Os valores civilizatórios afro-brasileiros mostrados pela professora pesquisadora Azoilda Trindade (2010) são uma forma de desenvolver uma conversa em relação às “Áfricas no Brasil”, a diversidade que foi implantada e preservada durante os anos de escravidão, até os dias atuais. Alguns desses valores são: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital e oralidade.

Capoeira e educação

A capoeira é uma manifestação cultural genuinamente brasileira, reconhecida, desde 2008, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, o que faz dela um símbolo brasileiro. Mas quais foram os caminhos que tomou até chegar nesse ponto? E quais os olhares sobre a capoeira e o capoeirista, antes, durante e após esse marco?





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

O primeiro registro histórico da capoeira foi em 1789, uma menção em boletins de ocorrência policiais, em que ficou registrada a prisão de Adão, escravo pardo acusado de ser capoeira (IPHAN, 2008). Apesar de existir prova histórica concreta de sua existência apenas a partir do século XVIII, é provável que a capoeira tenha sido criada muito tempo antes desse período. A sua criação deve-se aos africanos escravizados trazidos para o Brasil e aqui em território nacional a capoeira foi desenvolvendo-se a partir da influência de lutas e danças africanas.

Os capoeiristas tiveram participação em momentos históricos importantes, como por exemplo na guerra do Paraguai em 1864, em que eram retratados com temor pelo governo paraguaio. Logo após o retorno das tropas brasileiras, os capoeiristas passam a receber maior reconhecimento, assim como a arte da capoeira. Porém, em 1890, logo após a abolição da escravatura, a capoeira passa a ser oficialmente criminalizada. Enxerga-se nesse fato que a “liberdade” obtida, somada a falta de oportunidades e de suporte para essas pessoas, gerou uma estigmatização da população negra. Um outro ponto importante é a criminalização da capoeira, que intensificou ainda mais a repressão e o desenvolvimento de um estereótipo da população negra, olhar que foi reproduzido até os dias atuais. A capoeira, ao longo de séculos, tem sofrido e ainda sofre perseguições, atos de preconceito e criminalização pela sua condição original, nascida da população pobre e excluída socialmente.

Conforme a capoeira se inscreve em espaços de lazer e de poder, de outras camadas sociais (inclusive nas classes médias e dominante), a arte passa a ser considerada um elemento com possibilidades de utilização na escola de forma multidisciplinar, aliada a diferentes disciplinas, como: Educação Física, História, Artes, Literatura, Língua Portuguesa, Geografia, Filosofia, utilizando estratégias corporais, artísticas e discursivas para problematizar as relações sociais brasileiras, os aspectos





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

morais e éticos envolvidos no processo de construção de uma identidade nacional, como também, destacar os valores civilizatórios afro-brasileiros (TRINDADE, 2010). Ou seja, inserir a capoeira nas escolas com uma perspectiva ampliada e multidisciplinar, não apenas como uma educação física, pode auxiliar no desenvolvimento de uma formação ética e moral das crianças e adolescentes, bem como de toda a comunidade escolar, estabelecendo-se uma educação antirracista, solidária, ecológica e democrática.

Para compreender como isso é possível, apresentar-se-ão com mais detalhes valores arraigados nessa arte-luta que podem impulsionar a prática de relações mais justas e solidárias e que contribuem para uma educação para a diversidade.

A capoeira e o aprendizado de outros modos de sentir e ver o mundo

O grupo de extensão “Lições de Capoeira” tem como integrantes professoras, estudantes de Pedagogia e de diferentes licenciaturas. O grupo vem pesquisando a capoeira, a Filosofia Africana Ubuntu e os valores afro-brasileiros e desenvolvendo ações com crianças da brinquedoteca do Centro de Educação da UFPB, de escolas públicas, como também com estudantes de graduação. O que se percebe nessas atividades é a abertura e alegria das crianças, e também dos adultos, ao contato com a capoeira. As músicas, instrumentos e palmas na formação da roda faz o coração bater mais forte, pode muitas vezes crescer uma vergonha ou desconfiança do desconhecido, mas muitos se jogam na experiência logo de primeira e aceitam o desafio. O sorriso no rosto e a expressão do desejo de repetir a experiência carimba a beleza do encontro. E a cada encontro aumenta-se a certeza de que a capoeira não pode ser restrita a uma





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

atividade lúdica desconectada do viver, do aprender, da compreensão histórica do nosso povo.

A capoeira tem diferentes estilos, ritmos e toques, dependendo da linhagem e do fundamento que o grupo segue. Seja capoeira Regional ou capoeira Angola, a capoeira carrega consigo muitos dos valores daqueles que a criaram em séculos passados. Um desses valores é a *oralidade*. A capoeira não é natural da África, foi desenvolvida a partir dos contatos dos escravos em solo brasileiro, mas possui suas raízes africanas, e a sua existência e resistência só foi assegurada, entre outros motivos, pela transmissão oral.

O que significa uma tradição oral? A tradição oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação, mas como uma forma de preservação dos conhecimentos ancestrais. Hampaté Bâ (2010) afirma que na tradição oral africana existe uma ligação entre o homem e a palavra. O valor do testemunho é o mesmo valor do homem que o anuncia. A oralidade não é caracterizada apenas pela transmissão de ensinamentos, existe a crença de que se está perpetuando a vida e os ensinamentos de outras pessoas e deixando de mesmo modo um pouco de você, da sua essência, para aquelas pessoas que estão vivenciando aquele momento.

Os ensinamentos do/da mestre/a ou professor/a de capoeira não se restringem apenas aos movimentos da luta, do jogo, mas principalmente as suas palavras, as histórias de sua vida, da sua trajetória ou das histórias que os mestres mais antigos lhe contaram. É por este motivo que se diz que ser mestre de capoeira é um reconhecimento da comunidade que ele faz parte, é a força da *ancestralidade*. São muitos anos ou décadas de aprendizado de vida, é um saber que se adquire na vivência. A partir dessas histórias, conecta-se o passado com o presente. O mestre é uma figura fundamental na transmissão dos saberes, como afirma Abid (2004, p. 59):





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

O mestre é aquele que é reconhecido por sua comunidade como o detentor de um saber, que encarna as lutas e sofrimentos, alegrias e celebrações, derrotas e vitórias, orgulho e heroísmo das gerações passadas e tem a missão quase que religiosa de disponibilizar esse saber àqueles que a ele recorrem.

As histórias que são contadas e recontadas, através de símbolos e representações, produzem sentidos e constroem identidades. Além das histórias, as letras das músicas são umas dessas fontes de memória que preservam personagens e modos de vida ancestrais. Não existe roda de capoeira sem música, sem instrumentos como o berimbau, o pandeiro, o atabaque, sem as palmas, o canto e o coro. As letras das músicas podem retratar a História do Brasil, o cotidiano dos trabalhadores escravizados, as dificuldades e torturas sofridas por eles, os sentimentos que os acometiam de saudade, de indignação ou de prazer por estar podendo jogar a capoeira, as fugas para os quilombos, a luta por liberdade, personagens históricos que não estão nos livros didáticos. É por este motivo que, na capoeira, a oralidade está muito conectada aos valores *ancestralidade*, *musicalidade* e *ludicidade*. É a música que primeiro encanta a criança, que a atrai. São valores potentes na arte da capoeira e que podem ser trabalhados na escola por meio das músicas, da contação de história e das brincadeiras.

Outro valor afro-brasileiro importante quando se pensa em capoeira é a *corporeidade*. Esse valor vai além do corpo. É a partir do corpo que existimos, que somos e nos relacionamos com o mundo e a sociedade. Na cultura africana, há a ideia de que o corpo faz parte da natureza e que a partir disso o corpo é também a própria natureza, já que engloba em si todos os elementos existentes. A corporeidade traz uma noção ecológica da vida, pois o corpo é indissociável da natureza e da cultura. É o corpo integrado, diferente do corpo fragmentado da medicina tradicional alopática. Esse corpo está integrado também a uma comunidade e o que afeta o corpo, afeta também a





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

comunidade (CRUZ, 2009). Nessa perspectiva, o corpo transversaliza todas as dimensões da ancestralidade, não há separação entre corpo e cosmo, nada é separado. Segundo Cruz (2009), na cosmologia africana, existe uma profunda relação entre o corpo, a dança e o sagrado e que, além da dança, existem outras maneiras de pensar com o corpo: o cântico, o ritmo e o rito.

Na ancestralidade africana existe uma relação íntima do canto com o cotidiano das sociedades tribais, ladainhas são cantadas nos cultos aos ancestrais, durante o plantio e a colheita são entoados versos invocando a força e a ludicidade daqueles que estão naquela atividade laboral (CRUZ, 2009, P. 28).

Pensa-se de corpo inteiro e o movimento é a base da consciência. Corporeidade é consciência corporal, ou seja, é sentir o corpo, sem preconceito com idade, cor, gênero, tamanho, reconhecendo a centralidade do corpo em todas as suas ações. A roda de capoeira é um espaço democrático onde todos os corpos são bem-vindos.

Na capoeira o corpo dança, ginga, tem ritmo, tem malemolência. É por meio do corpo que o capoeirista vive, ao som do berimbau, vai embaixo e vai em cima, esquiva-se, floreia, ginga, fica de ponta cabeça, procurando a hora certa de atacar. Não pode perder o ritmo, nem parar de escutar o canto e as palmas. Jogar capoeira é ter consciência corporal, é participar do rito da roda, abaixar ao pé do berimbau, pedir licença aos mais velhos, aos ancestrais, e pensar com o corpo, ser o mundo inteiro dentro de uma roda.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros impressos no universo da capoeira podem ser grandes facilitadores para ver, ouvir, sentir e celebrar a vida de outra forma, com mais respeito a si mesmo, ao mundo que habita, ao outro que coexiste nesse mundo, aos demais seres vivos, aos ancestrais que já partiram (mas que nos





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

possibilitaram nascer) e aos que ainda virão. Outros valores que não foram citados diretamente, apesar de presentes nas entrelinhas, também são igualmente importantes, como *cooperatividade* – a capoeira é uma prática coletiva e a cultura negra é a cultura do plural, da coletividade, do compartilhar –; *energia vital* – segundo Lopes e Simas (2021), na filosofia africana, esse é o valor supremo da existência. A roda de capoeira é viva, tem axé, tem força vital, assim como tudo que existe –; *memória*, o valor de olhar para trás para entender quem somos hoje. Na capoeira, existe um profundo respeito aos mestres que vieram antes, que abriram os caminhos para que hoje possamos existir em liberdade.

Iê! Fim da roda

Se desejamos uma sociedade mais inclusiva e democrática, por que não consideramos introduzir na escola outros olhares, outras maneiras de sentir e viver? Existem movimentos de capoeiristas em vários Estados brasileiros para tornar Lei a inclusão da capoeira na escola. Em alguns locais, a capoeira saiu vitoriosa, em outros, ainda não. Acredita-se que tal vitória não é apenas dos capoeiristas, mas de toda sociedade, pois, conforme foi discutido nesse capítulo, fortalecer os valores afro-brasileiros na escola é fortalecer a coletividade, a inclusão, a diversidade, a consciência ambiental, o respeito aos professores e professoras, à memória de luta do nosso povo. A capoeira é uma tecnologia ancestral lúdica que ao adentrar os muros da escola possibilita a abertura para o diálogo da escola com a sociedade e para a integração entre escola formal e comunidade.

Não se pode negar as dificuldades no percurso da capoeira nas escolas. A primeira dificuldade é o preconceito/racismo encontrado pela própria comunidade escolar. A capoeira muitas vezes é associada à violência, marginalidade, uso de drogas.





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

É uma luta de negros, portanto, sofre o mesmo racismo de quem a criou. A segunda dificuldade é a ignorância sobre tudo o que ela pode oferecer. Apesar de ser uma arte-luta genuinamente brasileira, patrimônio imaterial da humanidade, pouca gente sabe o que é a capoeira e sua importância na nossa história, o que leva a muitas vezes ser escanteada dentro da escola (quando ela está presente), vista como uma simples atividade corporal para entreter os/as estudantes. Não existe conexão entre as matérias dentro da escola, muito menos que integre a capoeira num projeto maior. Isso diz muito sobre o pouco conhecimento que a maioria das pessoas têm sobre a capoeira e suas potencialidades. Uma terceira dificuldade diz respeito aos próprios capoeiristas. Estaria o capoeirista preparado para adentrar os muros da escola? Para lidar com crianças e adolescentes, é necessário ter um perfil e uma preparação especial anterior para situar-se no espaço educacional. O capoeirista precisa ter, por exemplo, consciência dos valores afro-brasileiros que a capoeira carrega e saber agregar esse conhecimento aos estudantes. Não de forma instrucional, mas de forma lúdica.

A escola tem muito a ganhar nos processos de inclusão e de diversidade quando abre as portas para a capoeira e se abre para novos olhares e novos saberes, assim como quando o capoeirista entende seu papel dentro da escola, a educação e os indivíduos que se integram nesse propósito se transformam com vistas a construir uma escola mais inclusiva, democrática e humana.

Referências

ABID, Pedro. **Capoeira angola**: cultura popular e o jogo de saberes na roda. 2004. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, [S. l.], 2004.





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

BÂ, Amadou Hampaté, **A Tradição Viva**. In. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

BRANDÃO, C. R. Cultura popular e educação popular na América Latina: um olhar muitos anos depois. In: **Educação e Movimentos Sociais: saberes e práticas em educação popular** (ORG.) Silva, S. e Moreira, O. Joao Pessoa: editora do CCTA, 2016.
CRUZ, Norval Batista. **Consciência corporal e ancestralidade africana: conceitos sociopoéticos produzidos por pessoas de santo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, [S. l.], 2009.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** / Paulo Freire. – 69. Ed. – Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GOMES, Nilma. **Relações Etnico-Raciais**, Educação e Descolonização dos Currículos. Minas Gerais: Currículo sem Fronteiras. 2012.

IPHAN, Dossiê “**Roda de capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira.**” Brasília: Livro de Registro das Formas de Expressão. out. 2008.

LOPES, N.; SIMAS, L. A. **Filosofias Africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2021.
MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**, Belo Horizonte, Editora Autêntica, 1999.

PIAGET, J. **Para onde vai a Educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

PIAGET, J. Os procedimentos da educação moral. In: **Cinco Estudos de Educação Moral** (ORG.) Macedo, L. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

SANT’ANA, J. V. B. Descolonização, reinvenção escolar e filosofia africana ubuntu: uma relação possível. **Revista três pontos. Dossiê conexões africanas**, 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. BRANDÃO Ana Paula (Org). In: A COR DA CULTURA. **Modos de Fazer: Caderno de Atividades, Saberes e Fazeres**, v.4. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.





Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula
Universidade Federal da Paraíba

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Em busca da cidadania plena: fragmentos de um discurso sobre afetividade. BRANDÃO Ana Paula (Org). *In: A COR DA CULTURA. Modos de Ver: Caderno de Atividades, Saberes e Fazeres*, v.4. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

Recebido: 10/07/2024

Aprovado: 14/09/2024



| João Pessoa-PB | v. 11 | p. 1-17, Dossiê Especial: **Educação do/para e como Negro no Brasil: do Ensino Básico ao Superior**, 2024.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>